

“Temos de afastar-nos da ideia de que temos de trabalhar para viver”

Victor Ferreira – Público, de janeiro de 2024

Albert Wenger nasceu na Alemanha, perto de Nuremberga, mas há muitos anos que se mudou para os EUA, onde trabalha como investidor na indústria do capital de risco. Vive na costa leste do país, longe do centro nevrálgico das *startups* em Silicon Valley, na Califórnia, mas é esse o universo em que se move desde que saiu da academia com um doutoramento em Tecnologias da Informação (MIT, 1999) debaixo do braço. Premiado aos 18 anos no seu país natal num concurso de ciência de computadores, tornou-se empresário com larga carreira no sector tecnológico.(...) Passou em Novembro por Lisboa, para falar no palco principal da Web Summit sobre os temas que aborda no livro *O Mundo Depois do Capital*, disponível gratuitamente em versão digital. Considera que o maior desafio da humanidade é realocar a atenção aos problemas que enfrenta e que ameaçam a sua existência. E argumenta que o capitalismo precisa de mais humanismo. Com a mulher, financia um programa de rendimento básico universal numa pequena comunidade nos EUA, desde há quatro anos.

Diz no seu livro que há capital suficiente no planeta. No entanto, o mundo está cheio de problemas. Estamos a pagar o preço de más escolhas?

É porque estamos a usar o capital sem lidarmos com os nossos problemas. Usamos capital para fazer mais calçado para pessoas que já têm sapatos suficientes, para construir casas enormes para pessoas que já têm duas casas. (...)

Que problemas tem o mundo?

A crise climática é o principal problema. Há uma grande dificuldade em entender a física desta crise. Durante dez mil anos tivemos níveis de carbono muito estáveis na atmosfera. Finda a era agrária, começámos a emitir muito CO2 com a industrialização. Passámos a reter muito calor na Terra. (...)

Vou citá-lo de novo: "No passado recente, o efeito principal da tecnologia digital tem sido a de capturar e desviar atenção." Afinal, ela ajuda ou não?

Nenhuma tecnologia é apenas uma coisa. Começo o livro a falar do fogo. Ajudou-nos a cozinhar alimentos, tornando-os mais nutritivos, alimentando melhor o nosso cérebro. Passámos a usá-lo para fazer objectos. Mas também para torturar, incinerar, destruir. A tecnologia sempre foi assim. Portanto, o digital nem é o nosso carrasco nem o nosso salvador. Torna possível muitas coisas, mas é nossa tarefa, enquanto humanos, usá-lo para fazer mais coisas boas e não as más. (...)

Mas conhecimento também já é uma palavra tão badalada que já nos perdemos sobre os seus limites. Define-o como informação registada nalgum tipo de meio e que depois é melhorada. Olhamos à nossa volta e vemos ignorância a amontoar-se nas redes sociais, a desinformação e a má informação a inundar a Internet. Como sair disto?

Eu abordo o conhecimento de uma forma muito genérica. Não é apenas ciência, é também arte, cultura, história. Estamos num momento estranho e as coisas podem descambar em direcções muito diferentes. Peguemos no YouTube. Está lá tudo. Podemos aprender desde física quântica a reparar electrodomésticos. Mas também podemos ser radicalizados ou atraídos para teorias da conspiração. Vemos potencial de conhecimento e vemos potencial de tribalismo em todas estas plataformas. Por isso digo que temos de fazer escolhas. Individualmente, como interagimos com estes sistemas? Colectivamente, que tipo de ferramentas vou ter para interagir com esses sistemas? Posso programar o YouTube ou será o YouTube a programar-me a mim? Posso ter um agente que actue em meu nome e que extraia o melhor do YouTube para mim ou será o YouTube a empurrar-nos para onde entender e quiser? (...)

É outro dos conceitos que analisa neste livro. E será o rendimento básico universal (RBU) parte desse humanismo?

É um método para criar uma sociedade mais humanista. Não é uma bala de prata, não é uma panaceia, é

apenas uma parte das muitas coisas que precisamos de mudar. Temos de afastar-nos da ideia de que temos de trabalhar para viver. Ultrapassar esse conceito. Se não queres trabalhar, não trabalhes. Podes não viver bem, mas podes viver, podes alimentar-te, podes vestir-te, podes ter um sítio para viver. (...)

Está envolvido num projecto de RBU. Pode descrevê-lo em poucas palavras?

Eu e a minha mulher, Susan [Danziger], temos em curso uma experiência-piloto na cidade de Hudson, no Norte do estado de Nova Iorque. É uma pequena cidade com cerca de sete mil habitantes e nós escolhemos aleatoriamente 128 dessas pessoas que recebem mensalmente 500 dólares durante cinco anos. (...)

<https://www.publico.pt/2024/01/06/economia/entrevista/afastarnos-ideia-trabalhar-viver-2072893>